

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 21 de Abril de 1901
Red. e offic. Typographia Barcellense

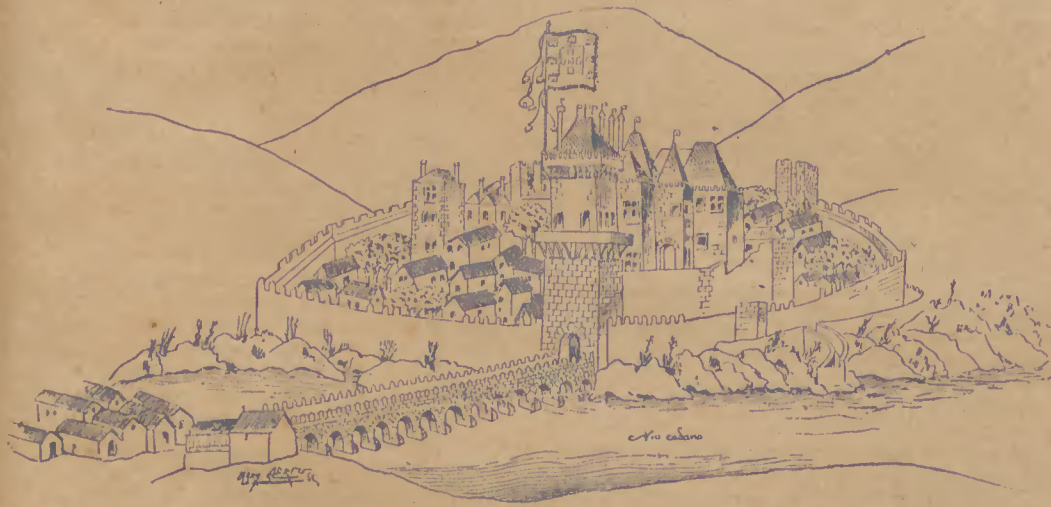
Anno (Barcellos) 480. (Provincias) 600

BARCELLOS NO SECULO XVI

A photozineogravura que illustra esta pagina, representa a villa de Barcellos no seculo XVI, segundo o desenho do natural, inédito, de Duarte d'Armas, feito por ordem de el-rei D. Manuel.

Já no seculo XVI, a parte oriental da villa occupava uma area muito mais extensa do que a representada no desenho, como facilmente se pode averiguar, observando os vestigios, ainda hoje bem claros, das antigas muralhas que cingiam Barcellos desde o seculo XV.

Estas muralhas, encimadas por ameias, tinham



A copia foi executada no archivo da Torre do Tombo, pelo distincto architecto suizo, sr. Ernesto Korrodi, auctor do projecto de restauração do antigo Paço dos Condes de Barcellos, publicado n'um dos numeros anteriores d'este quinzenario.

Por este meio auxiliar do gravado, tem os leitores da «Lagrima» diante da vista a perspectiva geral do que foi Barcellos ha proximo de quatro seculos.

N'este desenho, interessantissimo por tantos titulos, ha, todavia, a notar duas infidelidades, devidas certamente ao pouco cuidado que o desenhista teve na escolha do ponto em que se collocou para bem observar toda a villa.

Temos em primeiro logar a ponte, que Duarte d'Armas nos apresenta com tres ou quatorze arcos, quando a verdade é que, na epoca em que este desenho foi feito, devia ter tantos como hoje tem, isto é, cinco.

Outra incorrecção lhe notamos ainda, o é que,

tres portas principaes, e outras tantas torres, que as defendiam. A porta da Ponte, de todas a mais importante, abria-se no primeiro pavimento da torre do Paço dos Condes, no extremo norte da ponte sobre o Cavado; ao norte da villa, ficava a Porta Nova, defendida por outra torre, que hoje serve de cadeia, já um tanto alterada nas suas linhas architectonicas primitivas; e, finalmente, a Porta do Valle, que se abria no primeiro pavimento da torre do mesmo nome. Além d'estas tres portas, outras havia mais pequenas e porisso chamadas postigos, que eram o da Feira, dos Pellanes e o das Viganças, sendo por este que da villa se descia ao rio.

Do curioso desenho de Duarte d'Armas destaca-se o formoso Paço dos Condes de Barcellos—objectivo da sua publicação—o historico palacio do «Barbadão», solar dos Pinheiros de Barcellos, de que diremos no proximo numero.

*

Agora—em antes de entrarmos na parte

historica--resta-nos appellar para o bom senso e patriotismo dos nossos conterraneos,afim de que o projecto da restauração das ruinas do Paço dos Condes de Barcellos seja levado a effeito, para que a nossa terra, a terra do nosso berço, tenha um museu e bibliotheca intra-muros, dous elementos preponderantes da Civilização e do Progresso!

Nenhum impeilho deve ser levantado: nenhum attrieto.

—E' que «a politica vae e as obras ficam!»

*

A villa de Barcellos honra-se sobremaneira com ter sido o berço da casa de Bragança e, portanto, da actual familia reinante portugueza.

Teve ella principio em D. Affonso, filho natural de el-rei D. João 1.º e de D. Ignez Pires, commendadeira de Santos.

Segundo a opinião mais seguida, nasceu este principe no Castello de Veiros, no Alemtejo, em 1377, quando seu pae, simples Mestre da insigne cavallaria de S. Bento de Aviz, nem ainda sonhava com o sceptro da realza.

D. Affonso foi educado na cidade de Leiria, tendo como aio Gomes Martins de Lemos, varão de insigne virtude e saber.

Durante o tempo em que o Mestre de Aviz, governou o reino como regente, D. Affonso andou ausente d'elle por ordem de seu pae, com o fim de mostrar que era indifferente na successão do reino.

Em 1400 el-rei legitimou-o e resolveu dar-lhe estado.

A escolha do monarcha recahiu em D. Brites Pereira, filha do santo e valoroso condestavel, o heroe de Aljubarrota, o companheiro do Mestre de Aviz e o seu amigo mais leal e desinteressado, a qual, além de possuir brilhantes tradições de familia, devia herdar uma das casas mais opulentas, senão a mais opulenta do reino. Tanto assim que já el-rei D. João 1.º havia pretendido a sua alliança com o infante D. Duarte, seu filho e successor no throno; alliança que o condestavel recusou, porque ambicionava estabelecer com o seu estado uma poderosa casa que fôsse continuadora das suas tradições nobilissimas.

Ajustado pelos paes o casamento em Leiria, el-rei D. João 1.º dotou seu filho com as terras e julgados do Neiva, de Aguiar, de Darque, de Perilhal, Faria, Rates, Vermoim, Penafiel-de-Basto e o couto da Varzea, em doação plena, de juro e herdade, com mero e mixto imperio, dando-lhe tambem o titulo de conde de Barcellos, pois lhe dava os bens do condado.

E Nun'alvares, por sua vez, deu ao genro Chaves e Montenegro, Montalegre e Bustello, com todos os coutos e honras, com todas as

jurisdições e paizoaes, e mais as quintans da Carvalhoza e de Covas, de Canedo e Sarraçaes, de S. Fins e Gondinhães, dos casaes de Bustello, da Axoara e da Pousada.

Assignadas as escripturas, celebraram-se as bodas em Lisboa, no dia 8 de novembro de 1401, com grande apparato e luzimento, assistindo os reis, a côrte e grande parte da nobreza, que concorreu de todas as terras do reino a esta solemnidade em tudo magnifica e verdadeiramente real.

Os noivos, senhores da maior casa do norte do reino, partiram para os seus dominios.

Foi então que o conde D. Affonso mandou edificar, para sua habitação, o palacio de Barcellos, dotando ainda esta formosa villa com outros melhoramentos de interesse e utilidade publica,taes como: as suas muralhas e torres, a reedificação da ponte sobre o Cavado, a erecção em collegia da sua antiga igreja matriz, dotando-a generosamente, etc.

Além d'este palacio, o conde de Barcellos mandou edificar outros em Chaves e Guimarães, que tambem habitou.

Sendo regente do reino seu irmão o infante D. Pedro, na menoridade do el-rei D. Affonso 5.º, foi o conde D. Affonso agraciado com o titulo de duque de Bragança, em 1412, e feito senhor d'esta eidade e do Castello de Outeiro, Miranda e Nosellos, com seus termos, rendas e padroados, de juro e herdade, continuando o condado de Barcellos na casa de Bragança até ao reinado de D. Sebastião, que o elevou a ducado em favor dos primogenitos d'aquella illustre familia.

D. Affonso foi um perfeito cavalleiro nos campos de batalha e ninguem o excedia em valor e coragem. Acompanhou seu pae nas guerras com os castelhanos, que se seguiram á batalha de Aljubarrota; esteve na tomada de Tuy, em 1418, onde dizem que fôra armado cavalleiro por seu pae, se bem que outros affirmam que já o havia sido, juntamente com seus irmãos, em seguida á conquista de Ceuta, que foi a primeira praça africana onde tremulou o pendão das quinas, de cuja expedição fez parte com o cargo de capitão de galé, sendo um dos primeiros que entraram n'aquella praça, adquirindo pelo seu esforço glorioso renome.

Entre os despojos deixados pelos mussulmanos, depois d'esta assignalada batalha, o conde D. Affonso escolheu, com gosto apurado e proprio de principe, grande numero de columnas de alabastro e de marmore, e um tecto abobadado, apainelado e dourado, de primorosissimo lavor artistico, com que adornou o seu palacio de Barcellos. E para a ermida de Santa Maria da Franqueira trouxe tambem uma maza e seis columnas de finissimo jaspe, pertencentes ao palacio de Qallabonçata, senhor e governador

LAGRIMA

de Ceuta, e que actualmente serve de ara do altar-mór da mesma ermida.

Fez o conde de Barcellos muitas viagens com que muito se illustrou; e do seu amor ao estudo são prova bastante a livreria que ereou no seu palacio e os varios objectos de antiguidade, alguns muito raros, que colligiu no reino e fóra d'elle, dos quaes fez um excellente museu, que foi o primeiro que houve em Portugal.

Exerceu grande influencia nos negocios publicos do seu tempo, e foi, como alguns pretendem, regente do reino durante o tempo que seu sobrinho el-rei D. Affonso 5.^o se demorou na conquista de Alcaer Ceguer, em Africa.

Infelizmente, a elle e a seu filho primogenito, o conde de Ourem e marquez de Valença, se attribue o serom os principaes auctores da nefanda intriga que teve o seu epilogo nos campos de Alfarrobeira, onde perderam as vidas o desditoso infante D. Pedro e o seu leal amigo conde de Avranchea.

Falleceu o conde de Barcellos no seu palacio de Chaves, em dezembro de 1461, e foi sepultado na capella-mór da igreja matriz d'aquella villa. Depois, foram os restos mortaes d'este principe trasladados para o mosteiro da Veiga, para um mausoleu mandado construir pela 4.^a duqueza de Bragança, D. Catharina, e mais tarde outra vez trasladados para a capella-mór do mosteiro de S. Francisco de Chaves, onde hoje existe, n'um sumpuoso mausoleu mandado erigir pelo seu 6.^o neto, el-rei D. João 4.^o.

Do seu matrimonio com a filha do condestavel, teve o conde D. Affonso tres filhos:

1.^o — D. Affonso, conde de Ourem por herança do condestavel e marquez de Valença por mercê de el-rei D. Affonso V, em 1451. Não tomou estado e falleceu ainda em vida de seu pae, no anno de 1450;

2.^o — D. Fernan lo, que succedeu no ducado de Bragança; e

3.^o — D. Isabel, que casou com seu tio o infante D. João, filho de el-rei D. João 1.^o.

D. Affonso casou em segundas nupcias, em 1420, com D. Constança de Noronha, filha de D. Affonso, conde de Gijon e de Noronha, mas não teve filhos d'este matrimonio.

* * *

O condado de Barcellos, antes de ser conferido ao fundador da casa de Bragança, andou durante muitos annos na familia Tello de Menezes, e teve-o tambem um filho natural de el-rei D. Diniz, o conde D. Pedro Affonso—supposto auctor do livro de linhagens conhecido por «Nobiliario do conde de Barcellos». Dos Tellos de Menezes, foi ultimo conde de Barcellos um irmão da rainha D. Leonor Telles—D. João Affonso Tello de Menezes, que, por haver

seguido o partido de Castella contra el-rei D. João 1.^o, o perdeu, bem como a sua casa, agraçando o monarcha portuguez com esse titulo o seu condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Temos, pois, que, na familia brigantina, foi primeiro conde de Barcellos o condestavel Nuno Alvares, e o segundo seu genro o conde D. Affonso, que foi tambem o 1.^o duque de Bragança; e por uma longa serie de descendentes está hoje em Sua Alteza Real o principe D. Luiz Phillippe, que é o 20.^o duque e 26.^o conde de Barcellos e 25.^o duque de Bragança.

* * *

Sob o ponto de vista historico artistico, o palacio dos condes e duques de Barcellos, posto que nos seus detalhes architectonicos e simplicidade dos processos de construcção se confunde com os demais solares da epoca, que ainda abundam na antiga provincia de Entre Douro e Minho, afasta-se, comtudo, já no seu plano, já no seu aspecto exterior, da forma classica adoptada na generalidade das habitações senhoriaes de Portugal e do norte de Hespanha, da qual possui tambem Barcellos—na historica casa do «Barbadão»—um bem caracteristico representante.

Ao passo que nos demais palacios o typo seguido era invariavelmente um corpo central flanqueado de torreões com os seus meios de defeza, casas anexas, etc., formando um pateo mais ou menos extenso, aqui encontramos uma construcção de plano irregular, sem corpos elevados e tendo o seu andar nobre a pequena altura do solo e, portanto, facilmente accessivel.

A irregularidade do plano explica-se facilmente pela fórma topographica do terreno em que construido; e quanto á segurança da habitação, era ella assegurada por duplas muralhas ameidadas e bem vigiada pela torre avançada que se erguia no extremo norte da ponte e em comunicação com o palacio, o que sufficientemente o defendia de qualquer inesperado assalto.

Comquanto tivesse primitivamente mais extensão do que as actuaes ruinas, pois que se estendia até á igreja collegiada, que era a capella do palacio e com a qual communicava por diferentes portas, como ainda hoje se pôde verificar na fachada sul d'este magestoso templo, é certo que o solar dos Braganças não se distinguia nem pela sua grandiosidade nem ainda pela sua ornamentação architectonica exterior ou interior.

A não ser a demasiada elevação dos telhados, de manifesta influencia franceza, o numero de chaminés que, em consequencia da forma da cobertura, se elevavam a grande altura, e os seus numerosos cataventos, particularidades es-

LAGRIMA

tas que imprimiam ao edificio um ar bastante senhorial, este palacio não passava de uma boa habitação de patricio, que parece não estar em relação com o luxo e ostentação com que já então vivia o seu fundador.

Esplica-se isto pela circumstancia de não ser Barcellos a residencia habitual d'estes principes, mas sim Guimarães, onde o mesmo conde D. Affonso mandou edificar um palacio verdadeiramente sumptuoso e com a capacidade bastante para o seu numeroso estado.

Entretanto, não se pense que o solar da nobilissima familia brigantina era uma habitação vulgar e mesquinha. Não. E quem hoje contemplar aquellas negras muralhas, miseravel esqueleto que nos resta de um passado longinquo, mal avaliará da belleza d'essa edificação do seculo XV.

A falta de bellezas architectonicas do seu aspecto exterior, era largamente compensada pela riqueza da decoração interior.

Tudo quanto podia constituir o luxo domestico dos tempos medievales, allí se encontrava com profusão e riqueza. Assim, as casas de habitação, que eram sempre as do andar nobre, deviam ter sido adornadas com elevados tectos, de bellos lavores enriquecidos pela pintura.

As portas eram ornadas de finissimas ferragens e abundante pregaria, e as janellas de formosos vitraes polychromos.

Das paredes, revestidas geralmente de madeira ou azulejo até certa altura, pendiam riquissimos pannos de Arraz e outras tapeçarias.

As melhores alcatifas da Persia e de Smyrna cobriam os vastos pavimentos. Velludos e brocados, franjados de ouro e prata, ornavam as portas e as janellas, os leitos e doceis.

Junte-se a isto um mobiliario de preciosa madeira e lavores artisticos, ainda que raro; ricas baixellas pejando os bufetes e credencias, e teremos uma ideia aproximada do que seria essa vivenda senhorial do seculo XV—o solar da actual familia reinante portugueza.

Domingos Carreira

N'um meio pequeno e ingrato para a Arte, fallecem as boas vontades e só ficam de pé os individuos illuminados por ideal superior, com raizes profundas no sentimento e na sinceridade!

*

Domingos Carreira, nosso companheiro na «Lagrima», é por intuição artista, e não raro se vê, quando enternecido com a muzica, desprender—divagando—as suas vistas vagas, para um mundo superior, que não é precisamente este sub-lunar,

E trouxemos isto a proposito da sua composição ouvida na Misericordia, pela interpretação da Tuna Barcelense, durante a missa resa-

da ali por alma do Abilio Azevedo, a cujo grupo pertenceu este nosso inditoso amigo, quão já! distincto barcellense.

Naturalidade, eugenho, doçura, sentimento, —tudo têm essas paginas escriptas pelo Carreira, para conversar com o espirito d'um morto querido.

... De tal força de coração, de espontaneidade, ellas fizeram chorar os que cá em baixo na egreja recebiam sua influencia directa e empolgante.

*

Baseada ou não baseada nos moldes classicos; pertencendo ou deixando de pertencer á escola moderna, a produção—na linguagem vulgar—do nosso collega, é uma chuva enternecedora:—de saudades, de amores perfectos!

Grande coração; coração peregrino, o do Carreira.

—Pouca vergonha, dizia o Manoel Toucinheira ao Caganito; pouca vergonha: pois não bondava á nossa Camara o obrigar os marchantes a abaterem o gado, mais a nós, os porcos, que ainda agora obriga, tambem, a que se matem os saveis no mesmo matadouro! Pouca vergonha!

E o Caganito ficou desesperado com a maroteira da Camara.

... Depois os circumstantes fizeram-lhe grande chuchadeira sobre a historia.

—Ora, reponha o Caganito, é uma coisa muito natural!

—Pois então, meu bruto, tu não sabes que os saveis morrem logo que saem d'agua.

Um punhado de mentiras

Uma senhora, que aqui foi nossa hospede, disse não comprehender como os barcellenses «achavam tanta graça á *Lagrima*». Ora nós para a fazermos rir, vamos contar-lhe um caso patusco que, temos a certeza, a vae fazer mudar de opinião, a respeito d'este quizenario, —porém, para isso, a dama ha de se informar primeiro quem é o Coutinho.

Prepare-se, senhora, para morrer a rir...

O Coutinho foi um dia da semana passada a Braga montado em bicycleta e sendo-lhe exigida a importancia respectiva da passagem da ponte de Encourados, negou-se a isso ao arrematante, dizendo «se o regulamento declarava quanto devia pagar por uma bicycleta»...

Ora Coutinho firmava-se em que o regulamento fora feito anteriormente á innovação do bicyclismo, mas teve que tomar esta pitada do arrematante, de que se trata:

—Oh! oh! oh! A difficuldade, sr., está toda na interpretação da lei. Leia comigo e verá: «Carro de duas rodas puchalo por um burro, tanto».

VELHARIAS

Barcellos no seculo passado

Trouxe-vos ao cemiterio
Onde jaz o meu dinheiro!
Bento! Toca a finados.
Traz bifés. Anda ligeiro

Exp'iquemos.

José Selleiro, assim conhecido, cujo projenitor ainda vive, trabalhando sempre e honradamente, o nosso amigo Bernardino José Vieira, não obstante a pobreza e deficiencia dos seus principios litterarios, porque a mais não lh'o permittiam os haveres de seus pais, reunia a um genio franco, divertido e folgazão, uma intelligencia innata, semelhante a um terreno inculto que, muitas vezes pro-luz as mais extravagantes e bellas plantas. Esta quadra é uma d'essas espontaneidades.

Barcellos, diga-se em abono da verdade e sem offensa para ninguem, se nem sempre hasteia, em primeiro, a bandeira do Progresso, deixando que outras terras de somenos importancia se lhe antecipem, algumas vezes caminha na vanguarda. Aqui, ser bohemio é ser gente. Ainda não ha muitos annos que o Manoel da Graça dizia com certa vaidade emphatica: «eu sou um bohemio» assim como agora pôde dizer «eu sou um fiscal do sello».

Os tres Malheiros—Alberto, Antonio e Joaquim—, José Maria Philippe e José Selleiro eram, por assim dizer, os planetas d'um cosmos de nova especie, que tambem tinha os seus satellites, Antonio Araujo e outros. A affinidade das suas tenencias fazia-os convergir, no feriar das suas occupações quotidianas, e lá iam, quasi sempre *à lisa*, mas de cara alegre entregar-se ás libações d'um bom verdasco em *taina*, consoante os funlos da *troupe*.

A tasca da Mouca era a preferida pelos mundanos de então pela excellente qualidade do vinho e saborosos petiscos, completando a trindade do chamariz, o Bento, creado lesto e cheio de affabilidade.

A diversidade das suas estroinices absorvia-lhes quanto podiam dispensar das suas despezas, strictamente reduzidas, e enquanto sentissem no bolso o peso do dinheiro, tractavam de descobrir em que gastal-o. Se algum apparecia bastante abonado para pagar toda a despeza esse era o que *morria*.

José Selleiro, que, um dia, era o Burnay do grupo, annunciou ser elle o *morto*.

Combinando qual seria a diva que n'essa noite receberia a honra da serenata, de que tambem eram ximios maestrinos, abancaram no Synhedrio las suas sessões, para não dizer-

mos chãmente na tasca onde avinhavam e José Selleiro dando principio á orgia, improvisou a quadra, que abre esta Chroniqueta, na linguagem do Archeologo, que tomamos por mestre.

Muitos outros ditos chistosos ha d'esses bons rapazes que a Morte levou cedo, sobrevivendo o Antonio Araujo, que cheio de orgulho, ainda hoje diz na sua voz nasalada: «eu pertenci á pleiade illustre dos Malheiros».

W.

CARTA DE ESPOZENDE

A um pedante

Vimos espapaçar-te nas columnas da «Lagrima», embora sejas indigno d'essa honra, archi-papalvo.

Porém, nos archivos do nosso bom humor, ainda temos logar para a tua pelintrice ridicula que tomamos á conta de nos fazer rir.

Petulantemente, tiveste a arrogancia de nos querer ferir, a nós hospedes, onde tu immerecidamente, desempenhas um logar para vergonha da tua classe.

Fizesto-nos rir bastante, tu que nos apertavas a mão, e éras tolerado á nossa meza, onde campeavas pela intrujice com o desafôro inconsciente dos parvos.

Foi isso, e sómente isso, que nos accendeu a veia da chuchadeira para te castigar a tua imbecillidade, «borto insigne a quem assentam bem as theorias de Darwin!

D. Gaganita

Para cantar de noite
com Baptista, pão, e vinho
(Sabedoria das Nações)

Escuta, emerito estulto,
Que vaes ouvir a verdade!
Vou esboçar o teu vulgo
Tributando assim o culto
A' tua lórpa vaidade.

Deslombiar-te, inda é possível,
Burro com manha e sem dono!
Mas a minha alma sensível
Quer que, não sendo impossível,
Tenhas na Beocia um throno!

Tens de sobra requizitos,
Os mais tolos predicados!
Entre os parvos infinitos
Deixal-os-has interdictos
Sentindo-se ultrapassados!

Vae! tens o caminho aberto!

LAGRIMA

Conta-lhes como, em Sofala,
Um dos mouros mais esperto
Consegue, com tiro certo.
«Matar lampreias á balala!»

Conta-lhes esta que é bôa:
Que d'Australia até ao Minho
Desde a Russia até Lisboa,
Se canta fado com lôa
«A's botas do Thomazinho!»

Aos teus beócios pasmados,
Diz-lhes que, já «caganitas,
Tu enguliste aos bocados!
E, se os vires embasbacados,
Jura que provaste as ditas!»

Se duvidar alguém ouza,
Podes tu acrescentar—
Morto, eu dezejo na louza:
«Aqui jaz quem da *tal couza*
Comeu t'é arrebrantar!».

Assim ficarás amado,
Para sempre conhecido;
Da *tal cousa* enfartado,
Na Beocia, enfatuado,
Do *manjar* terás comido!».

E a tua barriga invicta,
A causa de tanta gloria,
Passará p'ra sempre á historia
Com este lêmnia catita:—
Barriga do Caganital.

Aqui tens o teu perfil,
E' tal qual; assim o acho!
Feito aos dous do mez d'abril
Tendo por meza um barril
E escripto por um *borracho!*

Espozende 1901

Baccho.

Telephonam-nos que os internados do Asylo de Invalidos e doentes do Hospital da Misericórdia reuniram, em sessão magna, resolvendo representar ao sr. Hiltze pedindo a conservação das irmãs nas duas casas de Caridade.

Mais foi resolvido que o visinho Bazilio, artista barbeiro, fosse encarregado de escrever a representação por ter dedo para a coisa, e autorisado a assignar de cruz por todos, homens e mulheres, que não sabem garatujar os seus nomes.

O asylo do Cortinhal é que, em pessoa, vae entregar a representação, mas como a subscrição aberta entre os assistentes não chega para as despesas de comboio, o illustre commissariado faz a viagem a pé.

*

Por isto se vê o interesse que a questão libero-jesuítica está despertando nos barcellenses e a grande agitação que abala to las as classes e

Se isto assim continuar
Onde irá parar não sci,
Veremos andar pela rua
De trabuco o proprio rei,
Agritar como um tolo
Cumpra-se a lei! Cumpra-se a lei!

Album da «Lagrima»

Segue essa authentica carta que escreveu já namorada um individuo, muito zurato já, depois de ter quebrado um guarda chuva na cabeça, do qual resta um mizero cabo:

Perfeitamente convencido em que um namoro correspondido por letra era infructifero eu sempre evitei escrever-te uma carta: porém hoje vejo-me obrigado a recorrer á penna para apresentar-te os motivos que me levam a escrever-te.

Ha uns dias a esta parte tenho notado completa indifferença de tua familia para comigo sem haver motivo plauzível e como não quero viver nas trevas desejo saber a causa de tal indisposição por que quero ser enganado de uma vez para sempre o contrario d'isto será a minha perdição.

Ignoo que comprehendeste o meu pensamento mas em vista do que te tenho dito não te dezejo senão para companheira da minha vida futura e por isso não admito que sobre mim recaiham desconfiança porque isso é para mim uma offensa que eu não posso tolerar.

O grande e sublime amor que te consagro levar-me-ha a fazer sacrificios inauditos porém externamente porque internamente só os farei enquanto não te haver minha para sempre.

A indifferença que me apresentaste motivada por casos friveos deram o resultado de passar a noite completamente em claro mettido em perfeita orgia para esquecer a dilacerante dôr que me espicava o peio com a lembrança de que sabi da tua companhia sem dar-te o a leus costumado.

Digo e repito metti-me na orgia e são quatro horas da manhã e estou a escrever esta e dizer-te tambem que o meu guarda chuva está feito em pedaços sómente lhe aproveitei o casão.

Porém isto nada vale somente queria verte risonna e satisfeita quando me apresentasse ao pé de ti porque deves comprehender que a minha amizade para contigo é eterna porque a mim mesmo fiz um juramento de por bem ou por mal casar contigo.